



Última sessão do segundo turno da votação: os parlamentares, mãos dadas, braços erguidos, cantam o Hino Nacional



Pintura de guerra: em defesa das populações indígenas

Constituinte revelada em 154 fotos

A memória visual da Constituinte está garantida: foi lançado quarta-feira, em Brasília, no Salão Negro do Congresso Nacional, o livro **O Processo Constituinte 1987-1988**, que reúne 154 fotos de 17 autores, registros de alguns dos momentos mais marcantes do processo de elaboração da nova Constituição brasileira. Trata-se de uma reprodução crítica e histórica de cada um dos passos dos constituintes, desde que assumiram suas cadeiras até a promulgação da nova Carta. Flagra as pantomimas do poder, passa informações, pretende formar opiniões e até encerra um protesto: o dr. Ulysses não gosta de ser fotografado.



Santa Ceia sem querer: dr. Ulysses como Cristo, pede calma; e Gastone Righi mostra a língua aos opositores

Documento, crítica e protesto

PAULO PESTANA

BRASÍLIA — O trabalho de elaboração de **O Processo Constituinte 1987-1988** começou tão logo foi convocada a Assembleia Nacional Constituinte. E, na concepção do coordenador da edição e também fotógrafo Nilton Guran, constitui "uma fotografia crítica e dinâmica que vai do imprescindível registro histórico de situações e fatos marcantes, ao detalhe aparentemente irrelevante mas revelador da natureza do processo (constituinte) e seus personagens".

Participaram do trabalho os seguintes fotógrafos: André Dusek, Antônia Márcia, Antônio Cruz, Arcelina Helena, Duda Bentes, Eugênio Novaes, Gilberto Alves, Givaldo Barbosa, J. A. Varella, Josemar Gonçalves, Julio Bernardes, Kim-Ir-Sem, Leopoldo Silva, Lula Marques, Milton Guran, Reynaldo Stavale e Zuleika de Souza.

As fotos são acompanhadas de quatro textos que procuram acentuar a perspectiva histó-

ca do livro, colocando as imagens no contexto da ação. Assim, Christovam Buarque, reitor da Universidade de Brasília, traçou o caminho do Brasil em direção à democracia; o professor e cientista político David Fleischer mostrou que por detrás de todas as siglas políticas, o maior partido da Constituinte foi a velha Arena; e o ex-deputado gaúcho João Gilberto, autor dos outros dois textos, acentuou o fato de que se trata, além de "um trabalho jornalístico", de "uma obra importante de registro de memória".

Mas o livro não se resume a isso. Guran lembrou que a intenção não foi unicamente "registrar a pantomima do poder", mas "passar informações e formar opinião". Outro aspecto revelador: a obra constitui também uma forma de protesto, como no relato de André Dusek (ver abaixo), que se queixa da decisão de Ulysses Guimarães de afastar sistematicamente os fotógrafos dos locais onde aconteciam as reuniões.

O PROCESSO CONSTITUINTE 1987-1988



DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA A NOVA CONSTITUIÇÃO

AGIL-UnB



Situacionistas riem à toa: deu cinco anos para Sarney

Foi difícil, mas valeu a pena

ANDRÉ DUSEK

Desde o começo tive consciência de que seria uma cobertura incomum. Era um acontecimento histórico para nosso País e dessa forma a cobertura fotográfica deveria ir além do factual jornalístico. Tratava-se de projetar, para além das exigências da imprensa diária, um documento de valor histórico, que permitisse aos estudiosos, no futuro, se valerem dele para avaliar, através das imagens, o alcance daquele Congresso Nacional Constituinte.

Foi uma missão árdua. No começo, podíamos circular até por detrás da mesa do presidente Ulysses Guimarães. Aos pou-

cos, porém, ele começou a ficar incomodado com o movimento dos fotógrafos nas suas costas. Resultado: na votação do primeiro turno, só podíamos nos movimentar no corredor em frente às bancadas. Depois, Ulysses proibiu definitivamente os fotógrafos no plenário, confinando-nos às galerias.

Passamos a usar mais as lentes teleobjetivas e o ângulo de cima para baixo virou a constante nas fotos de todos, denunciando um distanciamento que não havia quando trabalhávamos de grande angular no plenário.

A LEI DO MAIS ALTO

Restou-nos a cobertura das

comissões e, muito mais interessante, as reuniões de conchavo de lideranças. Mas estas eram mais fechadas e dispúnhamos de apenas alguns segundos para disparar a máquina. Além disso, a enorme quantidade de fotógrafos, cinegrafistas, iluminadores e operadores disputando o melhor ângulo tornava o trabalho uma aventura. Nesse momento prevalece a lei do mais forte — e do mais alto. Na cobertura de reuniões de líderes com Ulysses, por exemplo, a busca da imagem era uma batalha. Tão renhida e violenta que não demorou para que o dr. Ulysses proibisse nosso acesso também a essas conferências reservadas.

Nos dias finais da Constituinte, registramos, exaustos, o cansaço dos parlamentares. Uns dormiam, simplesmente. Outros espalhariam como podiam, dobrando e fazendo voar aviõezinhos de papel como crianças enfiadas. Nada passou ileso pela frente de nossas câmeras. No fim, conhecíamos de cor os hábitos pessoais de cada um dos constituintes. De alguns, ficamos íntimos.

Foi um trabalho duro, como duro foi o trabalho dos deputados e senadores. Eles escreveram, nós fotografamos. Produzimos, juntos, um registro crítico e documental como nenhuma outra Constituinte teve.

O Processo Constituinte 1987-1988

Livro de fotos editado pela AGIL e CEAC-UNB, com patrocínio da Kodak.

Edição de tiragem limitada. Preço do exemplar de 216 páginas: Czs 50.000,00



Cocares na galeria: os índios descobriram o lobby